



VII SEMANA
TEOLÓGICA
TEMA: "MEDELLÍN 50 ANOS:
MEMÓRIA, PROFECIA E PERSPECTIVAS"
DATA: 22 a 26 de Outubro de 2018



O LEGADO DE MEDELLÍN ÀS PASTORAIS SOCIAIS

Alaércio de Lima Nazário¹

RESUMO

O artigo tem por objetivo mostrar que Medellín foi um marco no caminho pós-conciliar e que operou uma transformação na vida da Igreja e se tornou uma referência na vida eclesial do continente, por sua recepção criativa ao Vaticano II. Esse dinamismo eclesial proporcionou uma nova consciência eclesial, isto é, o despertar de uma Igreja comprometida com a defesa da vida dos pobres, motivando e apoiando diversos organismos para resistirem e lutarem por libertação frente as estruturas desumanizadoras.

Palavras-chave: Medellín. América Latina. Sinal dos tempos. Teologia. Social.

INTRODUÇÃO

Celebrar o quinquagésimo aniversário da Conferência de Medellín é motivo para retomar corajosamente a profecia numa ação missionária continental e resgatar a esperança em meio aos tempos sombrios que estamos atravessando. É uma ocasião singular para revisitar seus textos, tornar evidente sua relevância histórica e, sobretudo, para analisar criticamente os possíveis avanços e retrocessos no campo social e teológico-pastoral.

Esta Conferência (1968) não aconteceu por acaso. Este evento é fruto de condições históricas específicas, que se plantam sobretudo nas décadas de 50 e 60 tanto em nível de Igreja quanto de sociedade latino-americana. Medellín veio em hora propícia pelas condições únicas da recepção do Concílio, por um lado, pela crescente consciência da injustiça social, da situação de dependência e de subdesenvolvimento que assolava o continente e urgia uma ação decidida pela mudança social, em busca de uma nova sociedade.

A recepção do Concílio na Igreja latino-americana vai tomando forma pela convergência do movimento social e do despertar da nova consciência eclesial sob o impulso do Concílio. Entre esses dois processos, o social e o eclesial, houve uma feliz intermediação de grupos mobilizadores. Desse modo, Medellín gestou um

¹ Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP

projeto que propiciou um movimento para as mudanças de estruturas, a mudança de sistema que carrega as contradições de um crescimento econômico, cultural e tecnológico que oferece a poucos afortunados grandes possibilidades e deixa milhões de pessoas não só à margem do progresso, mas numa condição sub-humana.

Medellín integra a dimensão sócio transformadora da sociedade com a pastoral social, cuja meta consiste em transformar os corações e as estruturas da sociedade em que vivemos, em vista da construção de uma nova sociedade, a verdadeira fé desdobra-se naturalmente em compromisso sócio-político.

Uma das peculiaridades que convém salientar, (AQUINO, Horizonte 16/50, 2018), “ao qual é preciso voltar sempre, sem o qual não se pode compreender a importância eclesial e social de Medellín e sobre o qual nunca se diz o bastante: a centralidade dos pobres na Igreja. A novidade e o impacto de Medellín na América Latina e, mesmo, no conjunto da Igreja estão radicalmente vinculados ao que, sobretudo a partir de Puebla, convencionou-se chamar opção preferencial pelos pobres”.

1 O CONTEXTO ECLESIAL DE MEDELLÍN

É de suma importância destacar que o fazer teológico proposto por Medellín encontra sua raiz e inspiração, de uma parte, da constatação que o maior continente cristão do mundo abrigava o maior nível de injustiça. O clamor das vítimas desse estado de coisas se fazia ouvir e chegava ao coração dos pastores e, de outra, no **Concílio Vaticano II** e nos processos e sonhos por ele desencadeados na vida da Igreja.

Medellín começa a gestar uma eclesiologia planejada e pensada a partir da práxis, recolhendo as inquietudes e interrogações da fé cristã em uma sociedade marcada pela injustiça e pela crescente pobreza e miséria. Conforme (Med. Introdução, 4), “percebemos aqui os prenúncios de um parto doloroso de uma nova civilização”. Nesta perspectiva os bispos, ao olharem em volta e mergulharem a atenção na realidade, viram uma desigualdade gritante entre ricos e pobres e uma opressão e violência institucionalizadas.

A conferência de Medellín contextualiza a condição, política, econômica, cultural e religiosa da América Latina marcada por dominação, exploração, mas



também por uma consciência social crescente da situação e de suas causas e pela emergência do conseqüente processo de libertação. Nesta perspectiva, esse movimento histórico configurará uma nova teologia, assumindo o significativo papel transformador das estruturas sociais.

O método estabelecido por Medellín consiste primeiramente em analisar a realidade, princípio básico quando se quer fazer teologia com o auxílio das ciências sociais. Não se pode pensar a fé a partir de problemas especulativos, sem se preocupar se isso seja realmente útil para a hora presente. A fé não pode ser vivida em um plano privado e intimista: a fé é a negação de todo ensimesmamento. É preciso discernir os fatos, as causas e a razão pela qual se produzem os efeitos que dividem a sociedade e a ferem dolorosamente com a injustiça.

Essa análise da realidade é então confrontada à revelação presente nas Escrituras, procurando perceber as convergências e divergências entre o plano de Deus e a realidade histórica. Tudo isso deve levar ao compromisso e à ação para transformar a história a fim de fazê-la mais sintonizada com o desejo salvador e amoroso de Deus.

Portanto, (MIRANDA, 2018, p. 44) a história é precha de eventos salvíficos, por mais simples e anônimos que sejam. A partir desse fato, podemos compreender a ação dos grandes líderes religiosos e dos profetas em Israel. E ainda hoje podemos detectar a ação salvífica de Deus, seus desígnios salvíficos para nossa situação histórica, a saber, seus impulsos iluminadores e encorajantes por meio da atuação de seu Espírito.

Após o Concílio Vaticano II, que trouxe um sopro de abertura e renovação para toda a Igreja, a América Latina queria relê-lo e implantá-lo no seu contexto.

Segundo BEOZZO, (REB 42/167, 1982, p. 46), “a recepção é o elemento de verificação mais importante, pois revela quais dimensões foram capazes de passar para o cotidiano da Igreja, que outras deixaram de ser assimiladas e até mesmo as que foram seletivamente abandonadas”. E foi isso que fez em Medellín. Concebeu um novo horizonte em sua autocompreensão e em sua ação pastoral. Deixou de olhar para dentro de suas fronteiras e voltou sua atenção para a realidade na qual estava imersa e situada.

Com Medellín a Igreja abre portas e janelas para ouvir o clamor dos excluídos e, com isso, desencadeia inúmeras e variadas iniciativas de caráter sócio-político.



Amplia-se extraordinariamente o leque de atividades voltadas para a promoção humana e a solidariedade com os povos do Terceiro Mundo.

Foi assim que a Conferência de Medellín se comprometeu a estabelecer novas prioridades para seu trabalho pastoral, guiada pelo binômio inseparável fé e justiça. Entre todos os fiéis que viviam no continente, a atenção privilegiada do trabalho pastoral deveria ser direcionada para os mais pobres. Uma opção preferencial deveria ser feita por eles. A adequação da passagem entre o Concílio e Medellín teve que superar alguns equívocos de recepção, foi preciso deslocar o acento do desenvolvimento para a libertação.

Afirma, com propriedade, (Beozzo, 1994, p.119) “o tema do desenvolvimento estava no coração de todas as iniciativas da Igreja no campo social, Medellín vai operar uma sutil passagem de tom e de conteúdo ao deslocar o acento do desenvolvimento para a libertação, acrescentando à dimensão econômica e social uma nítida tomada de posição teológica e política”. Para uma visão mais articulada da questão, responde (Med. Introdução, 4):

A América Latina está evidentemente sob o signo de transformação e do desenvolvimento. Transformação que, além de produzir-se com rapidez extraordinária, atinge e afeta todos os níveis do homem, desde o econômico até o religioso. Isto indica estarmos no limiar de uma nova época da história de nosso continente. Época cheia de anelo de emancipação total, de libertação diante de qualquer servidão, de maturação pessoal e de integração coletiva.

O ano de 1968 marcou a história do continente latino-americano que atravessava profundas e injustas desigualdades sociais. No Brasil, viviam-se os tempos sombrios da ditadura militar, acrescenta (CALIMAN, Persp. Teol. 31/1999) “os regimes políticos autoritários, militares ou não, foram implacavelmente hostis, violentos e repressivos, para não dizer sanguinários, para com todos os que lutavam pela transformação da sociedade”. No continente europeu acontecia a grande revolução cultural que mudou os padrões de vida do mundo ocidental. A ação pastoral, qualquer que seja, exige uma constante análise da realidade social, no sentido de buscar respostas concretas a seus desafios. Temos de caminhar com os pés no chão e os ouvidos atentos aos clamores do povo. Não podemos fechar os olhos e cruzar os braços diante das injustiças e desigualdades.



Para (AQUINO, Horizonte 16/50, 2018), em Medellín, tornou-se comum falar de “estruturas injustas”, de “situação de injustiça”, de “violência institucionalizada”, bem como da necessidade e urgência de “mudança de estrutura”, de “novas e renovadas estruturas”, de uma “ordem social justa”. A palavra de ordem era: transformação da sociedade. E isso mobilizou amplos setores da Igreja e da sociedade. Hoje, curiosamente, muita gente tem escrúpulo de falar de transformação da sociedade, de transformação das estruturas.

A pastoral social é a expressão da fé que está a serviço da vida em sua integralidade, nesse sentido ela busca analisar as questões econômicas, políticas, sociais e culturais, e posicionar-se à luz da fé a fim de promover a justiça social.

Atualmente há várias interpretações acerca da pastoral social, essas ideias distintas, acabam distorcendo sua especificidade em relação a outras manifestações da caridade cristã.

É válido destacar que a especificidade da pastoral social não consiste em serviço de ordem emergencial, como por exemplo, o assistencialismo ou outras ações desse caráter, como ressalta o texto da (CNBB, 2008, p.71) “o amor-caridade não pode ser paternalista e muito menos substituto de políticas públicas. O paternalismo leva as pessoas à dependência, reforçando, equivocadamente, seu sentimento de incapacidade. Ele pode levar à descrença em relação à cidadania, à conquista de políticas que promovam e garantam os direitos sociais básicos de todas as pessoas”. Sabemos que esses serviços humanitários e de caridade tem a sua significância na sociedade e na Igreja, porém segundo (AQUINO, 2018a, p. 11) “ela não pode ser reduzida nem confundida com outras dimensões”.

Desse modo, a “pastoral social” é chamada a uma constante análise da realidade social, a fim de buscar respostas concretas para os desafios que se lhe apresentam. É acertada essa afirmação ao destacar esse princípio específico: (AQUINO, 2018a, p. 11) “a caridade cristã é mais ampla e mais abrangente que a pastoral social. A pastoral social é a expressão mais qualificada da dimensão socioestrutural da caridade cristã; é fermento evangélico nas estruturas da sociedade”. Toda ação social feita pela Igreja deve ser transformadora a partir dos valores do Evangelho. Deus sempre olha e ouve o grito do seu povo, os mais pobres e oprimidos, desce para libertar e devolve a dignidade de filiação divina a todos os seus filhos e filhas.



A Igreja, desde suas origens, sempre esteve confrontada com essa questão. Ela não é uma ONG, sindicato, nem um partido político, ela é discípula missionária de Jesus Cristo e é o Evangelho que nos desafia a estarmos juntos daqueles que são os prediletos de Deus.

A Pastoral social tem sua gênese na experiência bíblica de Deus, a fonte inspiradora é a própria identidade de Deus que se revela de modo parcial em referência à situação dos pobres, sob a ótica da libertação e da justiça social no Antigo e Novo Testamento, bem como nos primeiros séculos do cristianismo e em toda a tradição católica. O confronto entre justiça humana e justiça divina é um dos eixos fundamentais da tradição judaico-cristã.

Ao longo de toda a história da Igreja a chamada “questão social”, adquiriu tonalidades diferentes ao se colocar face à cultura e à sociedade que a circundava. (AQUINO, 2017, p. 05):

Falamos sempre de Deus muito concreto e a partir de uma experiência muito concreta de Deus. Por mais abstratos e universais que sejam nossos discursos, são sempre, de alguma forma, abstrações e universalizações de uma experiência concreta (...) Esse Deus se mostra e se dá a conhecer como um Deus presente e atuante na história e partidário dos pobres e marginalizados (revelação). E a relação como ele é uma relação histórica mediada pelo compromisso com os pobres e marginalizados (fé). De modo que nenhum discurso sobre Deus e/ou sobre a experiência de Deus que prescindia e menos ainda que se contraponha à sua historicidade e parcialidade pelos pobres e marginalizados pode ser tido como cristão em sentido restrito.

Para a Igreja, a caridade cristã não é um apêndice do serviço evangelizador, nem uma dimensão secundária na missão da Igreja, nem tampouco uma espécie de atividade de assistência social, mas pertence intrinsecamente, a expressão irrenunciável da sua própria essência da Igreja. A pastoral social pertença fundante da própria Igreja, que tem sua origem no amor de Deus, porque Deus é amor e estende seu amor à humanidade através de seu Filho e do Espírito Santo.

2 CONTRIBUTO DE MEDELLÍN ÀS PASTORAIS SOCIAIS

Dito por outras palavras, a dimensão sócio da caridade cristã deve ser uma preocupação inerente a toda ação evangelizadora. Significa, portanto, que a



evangelização seria incompleta se estivesse alheia a tudo o que diz respeito à dignidade do homem. É com este compromisso que a Pastoral Social se assume em contexto de resistência e de luta para defender os direitos humanos, a vida e a liberdade em um posicionamento profético. Então, (AQUINO, 2018b, p. 17): “A Igreja não pode descurar o serviço da caridade, tal como não pode negligenciar os sacramentos nem a palavra. E, de fato, o serviço da caridade sempre esteve presente na vida da Igreja, embora nem sempre com a mesma intensidade e criatividade (...) A volta às fontes é sempre, em boa medida, uma volta aos pobres. A renovação da Igreja se dá antes de tudo e acima de tudo na e pela diaconia aos pobres”.

É preciso obter uma clara concepção e engajamento por parte das forças vivas e de todos os organismos eclesial acerca que a dimensão social é constitutiva da missão da Igreja. Assim, os diferentes serviços eclesiais devem se articular e se fortalecer mutuamente para atuar com maior eficácia no enfrentamento de situações que levam as pessoas ao sofrimento, à marginalização, à exclusão social.

Numa sociedade em que muitos são os excluídos e marginalizados, sem condições de vida digna, fazer Pastoral Social significa assumir com Jesus a mesma luta em defesa da vida e participar do mesmo destino. Optar pela vida e contra a morte provoca conflitos, é preciso assumi-los como oportunidades de transformação, entretanto, essa atividade pastoral consiste em algo processual e permanente.

Entendemos (AQUINO, 2018b, p. 27): que em “nenhum momento ou acontecimento histórico e definitivo nem perfeito. Sempre há o que fazer; sempre se pode avançar mais (o pecado está sempre presente...) A história é um processo permanente em construção. Tarefa nossa de cada dia, de toda a vida”. Optar pelo Reino é optar pelas causas do Reino, causas que requerem uma militância profética, não em vista de satisfazer necessidades imediatas (assistências) mas enfrentando, denunciando os mecanismos estruturais que produzem para uma grande parte da sociedade uma condição permanente de necessidade. Trata-se, aqui, em última instância, do enfrentamento do pecado que se materializa e se institucionaliza nas estruturas da sociedade ou do que Medellin e Puebla, convencionou-se chamar pecado social.

A Pastoral Social está integrada intimamente à missão evangelizadora da Igreja, não pode ficar à margem na luta pela justiça. De modo que o compromisso



com os pobres envolve tanto as causas estruturais da pobreza e promove o desenvolvimento integral dos pobres, com os gestos mais simples e diários de solidariedade para com as misérias muito concreta que encontramos, o que determina desdobramentos importantes em suas práticas. Segundo (AQUINO. Paulinas, 2018c, p. 24), “Essa tarefa envolve pessoas e grupos de diferentes origens, credos e ideias, mas que estão unidos na luta pela justiça social e pelo cuidado da casa comum”.

Portanto, o determinante da Pastoral Social é o posicionamento crítico diante de projetos políticos, econômicos e culturais que desconsideram a situação dos excluídos, propiciando uma naturalização da exclusão e marginalização. O específico da Pastoral Social passa, portanto, pelo percurso da organização dos excluídos, pelas mobilizações sociais, chegando até o comprometimento político.

As Pastorais Sociais têm como objetivo ser presença de serviço/caridade cristã, na sociedade, desenvolvendo ali atividades concretas que viabilizem a transformação de situações específicas junto ao mundo do trabalho, nas situações nas quais se encontram povos de rua, crianças em situação de risco, sem terra, sem teto, mulheres marginalizadas, comunidades negras (...) As Pastorais Sociais vivem, portanto, um desafio diante das exigências de responder às necessidades humanas à luz do Evangelho. Pois AQUINO, 2018c, p. 24), “tudo o que se opõe à obra criadora e ao desígnio salvífico de Deus no mundo é pecado e a Igreja deve reagir e lutar contra todo tipo de pecado”.

A Pastoral Social deve, portanto, promover à dignidade da pessoa humana e contribuir com a luz e a força da fé nos processos de transformação da sociedade e dos direitos dos pobres e marginalizados que são os juizes da vida democrática de uma nação e o critério escatológico para herdar a vida eterna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conferência de Medellín foi um divisor de águas na história latino-americano e na Igreja. Ela abriu novos caminhos, hoje é notório a necessidade e emergência de retomar esse itinerário, reconfirmando suas prioridades. Nesse sentido, como a história não apresenta um movimento linear, houve recuos, omissões, o pecado da autorreferencialidade eclesiológica ou o fechamento por parte de setores tradicionais que volta a emergir no cenário social.



A proposta teológico-pastoral de Medellín continua fiel às linhas mestras do Concílio, algo não superado. Os tempos são diferentes, há novos desafios e outras exigências, mas o núcleo ou mensagem central de Medellín implica levar a cabo a ação evangelizadora entendida no aspecto da “recepção criativa” em ordem ao tempo presente e futuro. Medellín nos ensina a nos aproximarmos da realidade à luz da fé, atentos aos sinais dos tempos. O projeto teológico de Medellín continua sendo uma exigência para o cumprimento da missão de evangelizar, cujo desafio em relação a pobreza, agora se apresenta agravada pela crescente exclusão social. Conforme (BRIGHENTI, 2017, p. 307) “já não estamos no contexto da década de 1960 e os novos tempos exigem fazermos uma “segunda recepção” tanto do Vaticano II como de Medellín. Na fidelidade a seu espírito, é preciso situá-los em relação aos desafios da modernidade tardia”.

Retomar a II Conferência de Medellín significa atualizar a pedagogia profética e a sensibilidade das tendências contrastantes dentro e fora da Igreja, em contextos social e culturalmente diversificados, e moldam a identidade da Igreja no continente.

Assim, afirma (Med. Introdução, 3), “esta assembleia foi convidada a tomar decisões e a estabelecer projetos, somente com a condição de que estivéssemos dispostos a executá-los como compromisso pessoal nosso, mesmo à custa de sacrifícios”.

Continua o desafio da reflexão teológica adequada, tarefa empreendida corajosamente pela teologia da libertação, para fundamentar a missão evangelizadora, profética e transformadora, da Igreja na sociedade latino-americana. o que se esboça no horizonte da ação pastoral, qualquer que seja, exige uma constante análise da realidade social, no sentido de buscar respostas concretas a seus desafios.

Nas conclusões de Medellín encontramos um olhar que denuncia as questões políticas e sociais enfrentadas pela América Latina, e ao mesmo tempo, que semeia uma nova sociedade, que possui próprios valores e sonhos, mas que não são ingênuo diante das estruturas desumanizadoras.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, F. **Igreja dos pobres**. São Paulo: Paulinas, 2018a.

_____. **Pastoral Social**. São Paulo: Paulinas, 2018b.



_____. **Organizações populares**. São Paulo: Paulinas, 2018c.

_____. **Teologalidade das resistências e lutas populares**. Unisinos: São Leopoldo. 2017.

_____. Medellín – Centralidade dos pobres na Igreja: clamores e resistências atuais. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 16, n. 50, p. 576-599, maio/ago. 2018.

BEOZZO, José Oscar. “O planejamento pastoral em questão” (**REB** 42/167, 1982, 465-505, em especial, 490-494).

BEOZZO, José Oscar. Prefácio. In: SOUSA, Ney; SBARDELOTTI, Emerson (Org.). **Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 9-18.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo**, Petrópolis: Vozes, 1994, pp. 119s.

BRIGHENTI. Agenor. In: GODOY, Manuel; AQUINO JÚNIOR, Francisco. (Org.). **50 anos de Medellín: revisitando os textos, retomando o caminho**. São Paulo: Paulinas, 2017.

CALIMAN, Cleto. A trinta anos de Medellín: uma nova consciência eclesial na América Latina. **Perspectiva Teológica**, n. 31, p. 163-180, 1999.

CNBB. **A Missão da Pastoral Social**. Brasília, Edições CNBB. 2008.

Documentos do CELAM. **Conclusões das conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004.

MIRANDA. França In: SOUSA, Ney; SBARDELOTTI, Emerson (Org.). **Medellín: memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 918.

